

# O estoicismo de Michel Foucault: uma análise a partir do conceito de acontecimento

Miguel Ângelo Oliveira do Carmo\*

## Resumo

A leitura de alguns textos dos *Dits et écrits*, somada a uma atenção maior para com o desdobramento da filosofia do chamado “último Foucault”, independentemente da sua aproximação com os antigos, revela-nos a possibilidade de afirmar, não digo uma posição estoíca, mas um certo “uso” do estoicismo na filosofia de Michel Foucault. A problematização do discurso, revelando as artimanhas do sentido; a percepção iminente do poder na “lógica das práticas” dos indivíduos, conformando-os a uma subjetividade; a criação do conceito de “acontecimentalização”, que desdobra um outro processo histórico; por fim, a sinalização de uma ética como construção política do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com as coisas (estética da existência), são elementos de uma prática filosófica que o aproxima, por vezes, do estoicismo. O presente trabalho não pretende se desdobrar em todos esses elementos e nem tem a intenção de afirmar, categoricamente, um Foucault estoíco, mas, a partir do conceito de acontecimento/acontecimentalização, problematizar uma aproximação entre a prática filosófica de Foucault e a dos estoícos.

**Palavras-chave:** Acontecimento; incorporal; estoícos; Foucault.

## Résumé

La lecture de certains textes des *Dits et écrits*, en plus grande attention à l'évolution de la philosophie de ce qu'on appelle le “dernier Foucault”, indépendamment de son rapprochement avec l'ancien, nous montre la chance de dire, non pas tant une position stoïcienne, davantage une certaine “usage” du stoïcisme dans la philosophie de Michel Foucault. La problématisation du discours, révélant l'astuce du sens; la perception du pouvoir dans la “logique des pratiques” d'individus, les conforment à une subjectivité; la création de la notion de “événementialisation” qui dédouble autre process historique; enfin, la présentation d'une éthique avec construction politique de l'individu en lui-même, à l'autre et avec les choses

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor da Universidade Federal do Acre (UFAC).

(l'esthétique de l'existence), sont des éléments d'une pratique philosophique qui amène Foucault au stoïcisme. Ce travail n'est pas destiné à se dérouler dans l'ensemble de ces éléments et ne affirme pas, catégoriquement, un Foucault stoïque, aussi de la notion d'événement/événementialisation, problématiser un rapprochement entre la pratique philosophique de philosophe et des stoïques.

**Mots clefs:** Événement; incorporel; stoïques; Foucault.

A primeira grande descoberta do conceito de acontecimento foi realizada pelos estóicos. Seja na física, na ética ou na lógica, trata-se sempre de se afastar das alturas clássicas da metafísica e se localizar na superfície das intensidades. O dualismo não é mais realizado entre o que é sensível e inteligível, mas entre uma corporeidade e um algo que paira na superfície das coisas, “transformações incorporais”, acontecimentos. Na física estóica o acontecimento é produzido pelas misturas dos corpos, corpos que se modificam e, em seus limites, causam efeitos de outra ordem, a revolução de um “materialismo do incorporel”. Na lógica, ele é um pensamento da diferença, pois desestrutura toda referência a um objeto, rejeitando assim o que pode ser tomado como propriedade ou qualidade fixa do mesmo. No lugar da predicação, sustentada pela cópula aristotélica que nos dá a definição de uma substância, a voz infinitiva do verbo expressa que o acontecimento do ser é sua própria potência de realização. Na ética, nada mais do que “querer o acontecimento”. Mas o que podemos entender por isso? Longe da resignação tão impregnada em nossas mentes, querer o acontecimento torna-se a efetuação da força do ser. O acontecimento é o salto dessa força no destino daquilo que acontece. Liberdade e necessidade paradoxalmente se aproximam. Querer a liberdade, pois a força é uma abertura do ser; ter a necessidade, pois toda abertura é fatal.

Foi com os estóicos, em contraposição ao modo tradicional e clássico de se filosofar, que o acontecimento ganhou lugar de importância como quase não se viu em toda história da metafísica, salvo algumas figuras da linha dita “marginal” da filosofia. Entre estas encontramos Nietzsche, que serviu de material para o fazer filosófico de Michel Foucault. Se há influência, não é no sentido comum, no qual um ao rebater ou não o outro, acaba por adicionar ou levemente modificar a filosofia anterior; a influência nitschiana, kantiana, deleuziana, da literatura, da medicina, da política, seja ela qual for, é da ordem da provocação e diferenciação a partir de uma co-

relação. O pensamento de um filósofo servia de material experimental para uma inovação possível.

Nesse sentido, a noção de acontecimento dos estóicos, ao mesmo tempo retorcendo a história e sendo através dela uma exigência nova para um outro exercício histórico, não deixou de “influenciar” Foucault e seu trabalho, ou melhor, este fez “bom uso” do conceito. Ele está presente seja nas suas análises do discurso, seja na realização de uma prática política de resistência ao poder. Sabemos o quanto a história permeou o seu trabalho e o quanto o tema da atualidade se tornou cada vez mais uma obstinação no final da sua vida, mas qual lugar ocupa o acontecimento em seus estudos? Se para os estóicos o acontecimento não é nada mais que o efeito de uma batalha corporal, em que sentido Foucault retoma e faz uso, porque não, inovador desse conceito? Em qual caminho a sua filosofia do acontecimento se direciona para um materialismo do incorporeal? Isso, de alguma forma (provavelmente de forma nietzschiana), fez ressonância no modo de fazer filosofia de Foucault.

No entanto, uma observação: Foucault não foi estóico, mesmo quando estudou em seus cursos e livros a antiguidade. Podemos então perguntar: qual é o sentido em relacionar o acontecimento estóico ao acontecimento foucaultiano ou ao seu trabalho filosófico perpassado por esse conceito? Nenhum outro a não ser o fato de tentar evidenciar um certo *uso estóico* do conceito de acontecimento. Mais explicitamente, um certo *modo* de utilização do conceito, remetendo-o a uma pragmática inovadora da problematização filosófica contemporânea. Assim como Foucault não se considerava historiador e nem fazia filosofia da história como muitos críticos gostaram e gostariam de enquadrá-lo, cairíamos em erro ao afirmá-lo estóico. Se o seu trabalho é uma filosofia do acontecimento não é por ter almejado em sua experimentação filosófica um certo estoicismo, mas por querer elevar o caráter instrumental da sua prática enquanto problematização filosófica. Tal filosofia possui feições estóicas pela sua maneira de se apropriar, criativamente, do conceito e não por assumir um posicionamento, um possível papel<sup>1</sup>. Portanto, mais do que caracterizar uma identidade filosófica nos interessa aqui perceber o uso instrumental do conceito de acontecimento realizado por Foucault.

Ora, como captar esse acontecimento na filosofia de Foucault? Inicialmente podemos percebê-lo em seu trabalho com a questão do

---

<sup>1</sup> Uma frase de efeito tão bem conhecida não se cansa de retornar: “Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ele rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (Foucault, 1997, p. 20).

discurso. Para Foucault, a singularidade do discurso, em sua formação existencial, está no conceito de enunciado ou na descrição enunciativa dos próprios discursos. É em *A Arqueologia do Saber* que encontramos sua definição mais elaborada. Esse uso conceitual e estoíco de Foucault é bem frisado por Deleuze (1992, p. 112):

O conceito de enunciado, tal como ele o concebeu, me impressionou muito, pois implicava numa pragmática da linguagem capaz de renovar a lingüística. Aliás, é curioso como Barthes e Foucault insistirão mais e mais numa pragmática generalizada, um num sentido mais epicureu, o outro mais estoíco.

Mas a teoria do enunciado não só trará a idéia de acontecimento como existência singular do discurso, como também, acredito, remeterá Foucault à descoberta do exercício diagramático do poder instalado a partir de uma “ordem do discurso”.

No entanto, a definição dessa pragmática, do enunciado, deve passar pela distinção não só com a estrutura lingüística, elemento bem comum aos lingüistas (frase), e com a busca recorrente a uma significação primeira, própria dos lógicos (proposição), mas também com o ato de linguagem. É nesse sentido que Foucault (1997, p. 98-99 [grifo nosso]) dirá em uma longa citação:

[...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; [...] mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência. Em seu modo de ser singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material), ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem; e para que se possa dizer se a frase está correta (ou aceitável, ou interpretável), se a proposição é legítima e bem constituída, se o ato está de acordo com os requisitos e se foi inteiramente realizado. [...] Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma *função* que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma *função de existência* que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

No início dos anos 70, em meio às tantas explicações sobre a formação do saber como conjuntos de discursos, Foucault (1996, p. 57-58) nos dará a sua primeira definição de acontecimento, bem próxima da dos estoicos. Diz ele:

Se os discursos devem ser tratados, antes, como conjuntos de acontecimentos discursivos, que estatuto convém dar a esta noção de acontecimento que foi tão raramente levada em consideração pelos filósofos? Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal.

Será em *Theatrum philosophicum*, texto que representa a leitura dos livros *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido* de Gilles Deleuze, que Foucault não cansará de afirmar a necessidade de um outro tipo de filosofia para pensar o acontecimento no seu sentido mais estoico. Nesse texto, o acontecimento é tomado como uma incorporalidade, efeito presente no limite dos corpos, em uma superfície metafísica; mais ainda, estando em uma teia complexa chamada discurso, sua expressão verbal encontra-se no infinitivo presente (Foucault, 2001a). A mistura dos corpos em batalha, a superfície de realização dos efeitos incorporais, a desestruturação de uma linguagem que não se expressa no infinitivo, a subversão de uma lógica do predicado, a liberação do ser na sua mais abundante diferença, enfim, tudo isso deve estar em ebulição em uma filosofia tão fora e marginalizada da história da filosofia que se desconhece a sua intenção. “Filosofia do fantasma”<sup>2</sup>? Sim, aquela que não sustenta qualquer origem e anda solta no limite dos corpos. É preciso pensar hoje, em uma filosofia na qual existe toda uma

abundância do impalpável [...]: enunciar uma filosofia do fantasma que não esteja, por intermédio da percepção ou da imagem, a serviço de um dado originário, mas que o deixe valer entre as superfícies com as quais ele se relaciona, na subversão que faz passar todo o interior para fora e todo o

---

<sup>2</sup> Vejamos a seguinte passagem: “Agradecemos a Deleuze. Ele não retomou o slogan que nos cansa: Freud com Marx, Marx com Freud, e todos os dois, se lhes agrada, conosco. Ele analisou distintamente o que era necessário para pensar o fantasma e o acontecimento” (Foucault, 2001a, p. 955; tradução nossa).

exterior para dentro, na oscilação temporal que o faz sempre se preceder e se seguir [...]. (Foucault, 2001a, p. 946-947)

No reino das causas e dos efeitos, no terreno dessa nova filosofia, o acontecimento é sempre o elemento incorpóreo resultante dos corpos; se sua lógica é mais complexa é porque denota a perda de referências e acentua o momento de embaraço de qualquer historiador sempre faminto por uma lógica linear e uma santificação de fatos. O “verdadeiro” acontecimento não deve ser buscado nas causas, simplesmente por estar preso a uma determinada materialidade, assim como na materialidade do discurso; sua materialidade é incorpórea, está na atualidade do efeito, na complexidade de um paradoxo, nas referências múltiplas do ato com suas específicas tomadas de posições. Sua metafísica não deve ser abandonada e nem confundida, pois,

não é a metafísica de uma substância que possa fundamentar todos os seus acidentes; não é a metafísica de uma coerência que os situaria em um nexó baralhado de causas e efeitos. O acontecimento – a ferida, a vitória-derrota, a morte – é sempre efeito, inteiramente produzido por corpos que se entrecrocão, se misturam ou se separam; mas esse efeito jamais é da ordem dos corpos [...]. As armas que desfazem os corpos formam sem cessar o combate incorpóreo. A física diz respeito às causas; porém os acontecimentos, que são os seus efeitos, já lhe não pertencem (Foucault, 2001a, p. 949).

Essa nova filosofia metafísica deve se atrelar a uma história: um tipo de história que não mais busque, através da sua narrativa contínua, a identificação das significações primeiras. A história dita “efetiva” no lugar da tradicional fará aparecer o acontecimento na sua singularidade mais radical: aquela das forças em conflito e mutação constante. É essa transformação das forças em luta, no seu mais paradoxo modo de ser, que a história não poderá deixar escapar. A percepção do acontecimento em sua efetiva formação será a colocação do olhar perspectivo sobre as transmutações microfísicas do poder e das resistências que lhe acompanham. O “acaso da luta” é a regra das forças, o seu positivismo não é a vitória, mas, antes, o jogo estratégico das representações que só vemos em um teatro filosófico; uma aceitação, e, mais do que isso, a afirmação de uma mudança a ser levada em frente, sempre mais à frente. Aqui, não encontramos o que tanto nos fora prometido e nem nos reencontramos através dele: temos apenas relações, relações de forças.

É a partir de um bom uso de Nietzsche que Foucault terá essa visão do acontecimento como relações de forças e como algo que terá sua

inscrição em uma história efetiva (Foucault, 2001b). Com o avanço das pesquisas sobre o poder, seja inicialmente com o Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) ou mais tarde com a questão da sexualidade, percebeu-se que se o acontecimento tem como lugar de inscrição o corpo, este mesmo corpo é também marcado pelo poder. Pela história e através da história, poder e acontecimento se encontram na formação do indivíduo enquanto sujeito. Daí a necessidade de inverter a concepção jurídica e tradicional que se tem do poder (não mais dizer que ele é repressor, negativo, mas que possui a sua positividade, uma grande otimização do seu exercício); daí uma crítica que venha tornar fluida as tramas da estrutura política na sociedade. Fluida? Em que sentido? No sentido de que tudo, através das instituições sociais, do Estado, é um jogo na conquista do sujeito. Nesse intuito, pensar o acontecimento na constituição política do indivíduo é uma tarefa que não deve ser adiada, mas implementada em nossa atualidade, é uma tarefa de resistência.

A “acontecimentalização”, tão bem explicitada em uma conversa com historiadores, terá essa tarefa política de resistência. O surgimento da singularidade no caminho da história é nada mais nada menos que a realização da “ruptura das evidências” e não a busca de uma essência que consolidaria o evidente sem discussões prévias. Foucault quer mostrar que a construção do sujeito pelos vários saberes, nas suas relações mais estratégicas com o poder, e vice-versa, pode ser diferente do que a primeira vista nos aparece; quer nos mostrar que a verdade, em todos os sentidos, é uma arma quando bem utilizada. É preciso “recolocar o regime de produção do verdadeiro e do falso no coração da análise histórica e da crítica política” (Foucault, 2001c, p. 846). Qual é a verdade e a falsidade, quando não muito se embaralham, que nos comanda? Ou seja, passando pela racionalidade do Estado e suas formas de governo, que procedimentos são adotados na capacitação tática do poder para, mais do que constituir, fazer indivíduos constituírem a si mesmos?

Seria o trabalho genealógico, a descrição das relações de poder, as estratégias de resistência, a agonística entre as forças do real, a análise política da verdade e da moral e da ética, todo um esboço de uma filosofia do acontecimento? Não duvidemos dessa empreitada filosófica em Michel Foucault. A hipótese que gostaríamos de mostrar é que o caráter prático-experimental da sua filosofia, principalmente a partir dos anos 70, com o seu ativismo político e suas pesquisas sobre a razão estatal e sua microfísica do poder, não deixou de evidenciar a realização, por mais paradoxal que seja, de uma filosofia do acontecimento. Foucault fez filosofia do acontecimento e foi obcecado pelo agora, pelo hoje, tanto que nos anos 80

**Trilhas Filosóficas**

se ancorou profundamente na questão da atualidade. E aqui temos uma prática que, por vias kantianas, pode ser tomada como uma explicitação cada vez mais precisa desse uso estóico de se fazer filosofia. Acontecimento e atualidade em uma proximidade que mantém distância e torna possível uma nova realidade: aquela que acontece.

## Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de A. Sampaio. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Theatrum Philosophicum*. In: *Dits et écrits*: Vol. I. Paris: Quarto Gallimard, 2001a.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In: *Dits et écrits*: Vol. I. Paris: Quarto Gallimard, 2001b.

FOUCAULT, Michel. Table ronde dum ai 1978. In: *Dits et écrits*: Vol. II. Paris: Quarto Gallimard, 2001c.